

## **Jó 14.1-12 – Uma Pregação**

**André Droogers**

O homem, nascido de mulher,  
vive breve tempo, cheio de inquietação.  
Nasce como a flor, e murcha;  
foge como a sombra, e não permanece,  
e sobre tal homem abres os teus olhos,  
e o fazes entrar em juízo contigo?

Visto que os seus dias estão contados,  
contigo está o número dos seus meses;  
tu ao homem puseste limites,  
além dos quais não passará.

Desvia dele os teus olhares, para que tenha repouso,  
até que, como o jornaleiro, tenha prazer no seu dia.

Porque há esperança para a árvore, pois mesmo cortada,  
ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos.

Se envelhecer na terra a sua raiz,  
e no chão morrer o seu tronco,  
ao cheiro das águas brotará,  
e dará ramos como a planta nova.

O homem, porém, morre, e fica prostrado;  
expira o homem, e onde está?

Como as águas do lago se evaporam,  
e o rio se esgota e seca,

assim o homem se deita, e não se levanta:

enquanto existirem os céus não acordará, nem será despertado do  
seu trono.

Qual é a mensagem que o livro de Jó traz para nós? O que  
significa essa elegia? O que está por trás desse drama, desta  
linguagem poética?

Devo confessar que quando comecei a ler e refletir sobre  
esse texto, fiquei irritado. Estamos na primavera. Em redor de nós a

nova vida brota. E exatamente nesse momento o calendário das leituras nos convida a meditar sobre a morte, sobre a vida breve. Sei que passamos pelo dia dos finados. Mas apesar disso, fiquei irritado. O nosso esquema de leituras vem da Europa, onde estão nos meses de outono, estação das folhas que caem, das árvores desfolhadas, da morte na natureza. Mas nossa estação é outra! Vamos ver se por trás da história de Jó existe uma mensagem para todas as estações do ano. É uma história estranha, enigmática. É difícil acreditar num Deus que aceita que um homem, temente a Deus, seja tratado deste jeito. Jó parece vítima de um joguinho de competência entre Deus e Satanás. Que Deus é esse, que trata o homem assim?

Mas tem mais. Para nós que vivemos na tradição da Reforma, é difícil entender que um homem como Jó tem a coragem de dizer que é um justo. E que, por isso, não pode ser o pecado a causa do seu sofrimento. Não somos todos pecadores?

E um terceiro aspecto estranho: os três amigos dizem coisas sobre Deus, que nós podemos ouvir também de vez em quando em teologias respeitadas. Mas, apesar disso, no fim Deus diz deles que não falaram a verdade reta sobre Ele.

Dentro deste contexto geral, ao final do primeiro ato do debate entre Jó e os três amigos, nós encontramos o texto previsto para hoje, uma elegia sobre a morte. Por que Jó fala assim? Qual é a função dessa elegia nesta fase do debate?

Começemos pela última pergunta. A elegia tem a ver com a queixa de Jó, pois ele parece ter sido castigado sem nenhuma acusação. Ele quer processar Deus. 'Eis aqui a minha defesa assinada! Que o todo-poderoso me responda, que o meu adversário escreva a sua acusação!' (31.35). Esse juízo que Jó quer não é algo da vida após a morte. Para os judeus, a vida aqui e agora é o que vale, e a pergunta pela vida após a morte não parece ser muito interessante. 'Morrendo o homem, porventura tornará a viver?' (14.14). Jó quer ser julgado aqui e agora, pois a vida é curta, e por isso a sua elegia. 'Tenho já bem encaminhada a minha causa, e estou certo de que serei justificado' ele diz no capítulo precedente. Ele quer que o seu direito seja mantido contra o próprio Deus, 'porque dentro em poucos anos eu seguirei o caminho de onde não tornarei' (16.22). A elegia de Jó não é somente uma elegia, mas a consequência da sua situação imerecida. Por outro lado, Jó fala da morte como uma maneira de escapar ao sofrimento: 'Oxalá me encobrisse na sepultura, e me acultasse até que a tua ira se fosse' (14:13). Para entender o texto previsto para hoje, temos que entender a causa de Jó.

Deus dá Jó ao poder de Satanás. A única condição é que Satanás não pode matar Jó. Quer dizer que Jó pára na penúltima estação antes do terminal. Ele fica muito perto da morte, logo, sabe sobre o que está falando. Jó vive na margem estreita entre a vida e a morte. Uma situação que inspira uma elegia. No início do seu discurso, Jó chega a se perguntar: 'Por que não morri eu na madre? Por que não expirei ao sair dela?' (3.11). Há uma mistura estranha de lamentar a morte e ao mesmo tempo desejá-la. Parece que a morte é nosso melhor inimigo. A vida é nosso pior amigo? Especialmente quando a pessoa sofre, apesar de ser justa.

Nas três estrofes do nosso texto, o homem é três vezes comparado com a natureza. Duas vezes ele é apresentado como um ser que tem algo em comum com a natureza. Ele é comparado com a flor que murcha, com o lago e o rio que se evaporam. Mas a natureza também é diferente do homem. Acontece uma inversão. Como a árvore, a natureza se pode renovar. Isso o homem não consegue. Ele está na desvantagem. A natureza o precede e o sobrevive. A menos que, como em nossos dias, o homem consiga até destruir a natureza, na ilusão de poder sobreviver ainda mais . . . E como se isso não fosse suficiente, vem por cima ainda esse Deus que faz entrar o homem em juízo consigo. O jornaleiro, depois de sofrer durante o dia, pode descansar. Mas o homem, no seu sofrimento, tem que lidar ainda com o juízo de Deus.

Que Deus é esse? Os três amigos de Jó o conhecem bem. São verdadeiros teólogos, mestres da sabedoria, administradores de uma certa clínica pastoral. Eles têm as respostas prontas. Fizeram a sua análise do caso Jó. E falam. Satanás nem precisa acusar Jó, os três amigos o fazem, em nome de Deus, em nome do Deus deles.

O Deus deles tem por maior característica o não ser acessível, não ser abordável para o homem. Ele é uma abstração longe da vida das pessoas. Eles falam muito sobre Ele, mas nunca com Ele. Enrentes Jó grita para que possa falar com Deus. 'Eis que clamo: Violência! mas não sou ouvido . . . Ah, se eu soubesse onde o poderia achar! então me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos' (23.3,4).

O Deus dos três amigos decide como quer e o homem não tem o direito de entender. Na sua sabedoria Ele providencia o sofrimento para o homem. A dor é um mistério que deve levar à reflexão. Deus manda o sofrimento porque purifica a pessoa e ensina modéstia e humildade. Ele castiga os pecadores e abençoa os justos. A ordem cósmica é divina, ela não pode ser contestada. Os três amigos defendem a doutrina estabelecida. O que Jó precisa

entender é que ele sofre porque pecou. Ele precisa ser modesto, teria que estar contente com essa oportunidade de aprender algo através do seu sofrimento. Jó é acusado de heresia: 'Tornas vão o temor de Deus, e diminues a devoção a ele devida' (15.4). Que orgulho de desafiar Deus para um debate, de querer discutir com Ele!

E Jó? Jó cansa de ouvir os argumentos dos seus amigos. Ele nada tem a perder. Começa a brigar, num tom irônico. 'Tolerai-me e eu falarei; e havendo eu falado, podereis zombar' (21.3). 'Porventura não tendes interrogado os que viajam? que os maus são poupados no dia da calamidade'(21.29,30). Será que todos os ricos são justos e todos os pobres pecadores? Jó é inocente e quer que justiça seja feita. Ele quer lidar diretamente com Deus, não quer nada com esse Deus inabordável e incompreensível. Não aceita essa doutrina de retribuição. Quer conhecer o Deus da justiça.

Aliás, todo esse debate teológico não leva a nada. Porque ao final, Jó não chega a uma conclusão através dos argumentos dos amigos ou seus. Ele diz: 'Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veêm' (42.5). Os três amigos deram ampla oportunidade a Jó para ouvir sobre Deus. Mas o que conta é ver Deus. Toda a sabedoria teológica dos amigos some na hora do encontro com Deus. Toda a crítica e queixa de Jó também. Falar com Deus é mais importante que falar sobre Deus. Um bom lema para uma Faculdade de Teologia!

O Deus inabordável dos amigos é substituído por um Deus visível. O Deus distante que usa o homem Jó para a experiência que Satanás pediu, vira um Deus presente que diz que Jó falou retamente sobre Ele. Ele endossa o protesto de Jó. A fonte afastada do sofrimento de Jó se revela. Não sabemos como isso acontece. Somente nos últimos capítulos, Deus fala, principalmente sobre o milagre da criação. Parece que a fala teológica dos amigos continua nesses capítulos. Por outro lado, a criação é a maneira pela qual faz sentir a sua presença. E criação nesse sentido não termina nos primeiros capítulos da Bíblia, mas é um fator constante na história. Tem a ver com libertação, com renovação, com esperança, contra a evidência pacífica da realidade, contra o caos da injustiça.

Não sabemos se foi isso que levou Jó ao seu encontro com Deus. É irônico que num livro cheio de debates, exatamente esse acontecimento decisivo não é bem descrito. Acontece por detrás dos bastidores. O redator do livro de Jó parece preferir uma solução apenas sugerida, que não resolve todas as nossas perguntas racionais sobre o enigma Jó. Não aceita as respostas prontas. Remete-nos da reflexão para a vivência. Não podemos ficar na

tradição respeitável como fazem os três amigos sábios. A partir da vivência, temos que ir além da tradição, contestar, seguir a voz da nossa consciência, gritar se for necessário. Não podemos nos contentar com esquemas fáceis. Temos que lutar para procurar as últimas respostas, que, aliás, sempre fogem das nossas formulações. Não podemos encerrar Deus na nossa teologia.

Também não podemos criar Deus segundo a imagem da nossa sociedade. Esse Deus afastado dos três amigos cabe muito bem numa sociedade em que os que sofrem não entendem porque sofrem. As verdadeiras causas ficam escondidas. Tem que se aceitar que é assim. 'Deus castiga', 'Deus é grande'. Ricos e pobres são iguais pois todos somos pecadores . . . Deus é modelado conforme a imagem da autoridade nesta sociedade: longe, inabordable, soberano, sem obrigação de justificar as suas decisões. Até que surja o grito pela justiça. O Deus dos amigos seria um Deus perfeito para os ricos, o Deus de Jó é o dos pobres.

Mais uma lição para nós. Quando Jó é obrigado a viver na margem entre a vida e a morte, sentado em cinza, pobre, doente, vítima de injustiça, é nessa situação que ele chega a um entendimento profundo sobre Deus. De que se alimenta a nossa fé? Parece que para o progresso da teologia, a margem oferece promessas de novas dimensões, novas leituras, novas visões, de encontro com Deus. Surgem inversões surpreendentes: Deus julga que o herético diz Dele o que é reto, enquanto que os teólogos respeitáveis são condenados por Deus. Os amigos-acusadores são acusados e o acusado Jó vira intercessor perante Deus para os acusadores. Os desprezados na margem da sociedade, sentados no nosso lixo, podem ser os nossos evangelizadores. Que inversão: nós sempre pensamos que nós temos que evangelizá-los. De Jó podemos aprender que para a teologia a margem é frutífera, ela nos mostra o rosto de Deus. Lá onde falta justiça temos oportunidade de encontrar Deus. É por isso que a renovação da teologia hoje em dia vem do 3º mundo!

Talvez tenha sido uma coincidência feliz, que na primavera tivemos que falar sobre uma elegia. A elegia de Jó nos incitou a refletir não só sobre a morte, mas mais ainda sobre a vida e sobre o sofrimento quando falta justiça. A vida curta é um convite a promover a justiça. O grito pela justiça abre uma nova esperança, e nos leva a ver o Deus sobre o qual já ouvimos e falamos tanto. O livro de Jó é o livro das muitas imagens de Deus. Qual é o nosso Deus? Cremos em Deus, o verdadeiro Pai de tudo que existe, a fonte de toda a vida, de todo saber, Senhor de todas as coisas e também do raciocínio humano e de suas criações.

**Creemos em Deus, Filho, homem verdadeiro, no qual foi restabelecida a imagem humana conforme a contada do criador, e que liberta a nós, pecadores, de todos os poderes escravizadores, das opressões e da culpa, que destrona todos os ídolos, e leva a humanidade que o segue ao encontro com ele em seu reino eterno.**

**Creemos em Deus, que é Espírito Santo, que nos chama e congrega na igreja santa e una, que renova a nossa vida pessoal e coletiva e que nos dá parte na vida que não morre.**

**Intercessão:**

**Queremos interceder por todas as pessoas que sofrem sem saber por quê;**

**por todos os presos políticos que ficam nos presídios mesmo sem serem processados.**

**Te imploramos para que a nossa justiça seja abundante,  
para que lutemos por nosso próximo humilde, cujo  
rosto é o teu rosto.**

**Assim oramos**

**Ouve a nossa oração.**

**Pedimos pela tua presença na nossa maneira de teologizar,  
para que não encerremos a tua grandeza na pequenez das  
nossas fórmulas,  
ajuda-nos para fugir dos esquemas fáceis, das respostas  
simplificadas demais,  
para que tenhamos a coragem de contestar, de ir além da  
tradição, de criticar, de gritar se for necessário,  
para que te encontremos por trás das nossas palavras, por  
trás da tua palavra.**

**Assim oramos**

**Ouve a nossa oração.**

**Precisamos da tua inspiração para que distingamos a tua verdadei-  
ra presença**

**nos acontecimentos da nossa história,  
para que não sejamos enganados pelas imagens  
que nós fazemos de ti segundo a nossa própria  
imagem, segundo a nossa própria posição na socie-  
dade.**

**Assim oramos**

**Ouve a nossa oração.**

**BIBLIOGRAFIA**

- J. Severino Croatto, **El libro de Job como clave hermeneutica de la teologia** (fonte desconhecida);  
Friedrich Horst, Hiob, em: **Biblischer Kommentar Altes Testament**, Vol. XVI/1 (Neukirchen-Vluyn 1968);  
Carlos Mesters, **Deus, onde estás?** (Belo Horizonte 1976), 5a. edição.  
Huub Oosterhuis, **Ganz nahe ist dein Wort, Gebete** (Wien, Freiburg, Basel 1969), 5ª edição.